

Resenha

Germannna da Costa Lopes¹

SINGER, André Vitor. *Os Sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo. Companhia das Letras, 2012.

Em “Os Sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador”, André Singer aborda temas caros para a política nacional que vem sendo desenhados desde a terceira onda de redemocratização. O marco inicial da análise do autor remonta ao período eleitoral do final da década de 80, mais especificamente, desde a derrota de Luiz Inácio Lula da Silva no ano de 1989. Após este pleito, cuja vitória foi obtida por Fernando Collor de Melo, iniciou-se no Brasil uma era neoliberal, ou seja, os governos adotaram uma postura no sentido de retirar direitos da classe trabalhadora. Com a perda de direitos a população cai no que Singer (2012, p.19) chama de “sobrepopulação trabalhadora superempobrecida permanente”.

A sobrepopulação ou o chamado subproletariado constitui-se a partir da teoria marxista que usa a noção de classe em si, portanto é uma gama de pessoas não conscientes da ação coletiva. Essa sobrepopulação é a protagonista do livro de Singer, por compreendê-la como base de sustentação para o *lulismo*. Um dos primeiros temas e termos estimados na obra em questão é o realinhamento eleitoral. Este, em suma, diz respeito a mudanças de clivagens fundamentais do eleitorado que define o ciclo político longo, ou seja, blocos de eleitores capazes de determinar uma agenda de longo prazo. Esse fenômeno pode ser observado no caso brasileiro no pleito de 2006, no segundo mandato

¹ Mestranda em Ciência Política pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Graduada em Ciências Sociais pela mesma instituição.

do governo Lula. Naquele período ocorreram mudanças no perfil do eleitor que confere votos a Lula, se comparados às eleições de 2002.

As transformações ocorridas são reflexos das políticas de redução da pobreza adotadas pelo ex-presidente em seu primeiro mandato, tais como o programa bolsa família (PBF), o aumento do salário mínimo e a expansão do crédito. Somados a estas transformações, vê-se programas específicos ligados ao fomento do mercado interno e à manutenção da estabilidade econômica, que renderam a Lula, mais acertadamente ao *lulismo*, a fidelidade do subproletariado brasileiro.

A obra traz sua linha teórica calcada na noção de classe *em si* e *para si*, desta forma permite a compreensão do êxito da política sem conflito perseguida pelo *lulismo*. Por política sem conflito entende-se aquela que tem em seu pano de fundo a estabilidade e no contexto de classes em que é escrito este trabalho, quer dizer uma política voltada para os empresários e para o subproletariado. Os empresários são aqueles detentores dos meios de produção, já o subproletariado é conhecido no texto como sendo a sobrepopulação trabalhadora superempobrecida permanente.

Classe *em si* é vista por estas correntes de pensamento tanto “a originada por Marx quanto a que se nutre em Max Weber” (SINGER, 2012, p.23) como massa, por não lograr se unificar e conscientizar-se para a ação coletiva. Logo, essa massa é incapaz de perceber o contexto real em que está situada, pois este lhe é adverso. Ao observar esta característica atribuída ao subproletariado percebe-se que ele funciona, portanto, enquanto massa, que significa a falta de habilidade de se organizar enquanto classe.

Neste momento, André Singer traz para a discussão Karl Marx ao citar o “O 18 Brumário”. A obra fala na impossibilidade da massa agir por meios próprios, acaba se identificando com aquele que desde o alto aciona as alavancas do Estado para beneficiá-la. A inabilidade de gerir o futuro faz surgir na camada mais pobre da população uma característica conhecida como “conservadorismo popular”. Tal conservadorismo atrelado ao medo da instabilidade fez com que Lula perdesse o pleito em três oportunidades. O *lulismo* percebeu que a reforma deveria ocorrer, no entanto, sem gerar conflitos ou instabilidade, eis então o reformismo fraco.

A divisão ideológica partidária entre esquerda e direita aparece ao se observar mais atentamente os números do pleito de 2002 e 2006, a partir da leitura do primeiro capítulo da obra. Os números mostram uma mudança no perfil do eleitor, e é nesse momento que surge o

lulismo: “ele é, sobretudo, representação de uma fração de classe que, embora majoritária, não consegue construir desde baixo as próprias formas de organização” (SINGER, 2012, p.52).

Com a efetivação do realinhamento eleitoral é possível identificar o porquê dos votos da sobrepopulação locados à direita da régua partidária. A sobrepopulação identificava-se com a direita, pois entre outras coisas o que lhes interessava era a manutenção da estabilidade que atribuíam aos partidos de direita. Ao assumir o poder Lula conseguiu quebrar esta percepção, ao adotar uma política não ligada ao reformismo forte da base de criação do PT, nem seguindo a vertente neoliberal de seus adversários. O modo de fazer política de Lula faz ressurgir no Brasil uma nova divisão calcada na separação de classes, entre ricos e pobres.

Para ilustrar esta terceira via adotada pela agenda de governo de Lula, André Singer destaca, de maneira didática, como parte da personalidade do PT duas *almas*, dois espíritos: o de “Sion” e o do “Anhembí”. Por que personalidade do PT se até o momento falava-se de *lulismo*? PT e *lulismo* é a mesma coisa? São interrogações interessantes respondidas pelo autor a partir da análise de alguns números, entre eles os que correspondem aos redutos eleitorais de deputados do Partido dos Trabalhadores e do próprio presidente. Lula tem desde 2006 uma concentração expressiva de votos no Nordeste do Brasil, porém os deputados de sua legenda se mantiveram mais fortes nas regiões mais ao sul do país. E é disso que tratam estas duas almas, de uma gradual aproximação do PT ao *lulismo*. O PT com um grau maior de dificuldade para se desprender de suas bases ideológicas.

o partido passa a ter menos força relativa na classe média, nos eleitores de alta escolaridade, no Sul/Sudeste e nas capitais das regiões mais ricas, cuja aceitação o caracterizava desde a fundação. Por outro lado, ampliou em escala significativa o suporte entre os eleitores de baixa renda, de baixa escolaridade, no Norte/Nordeste, nas metrópoles periféricas e no entorno das capitais. O PT vai, portanto, na mesma direção que o *lulismo*, tornando-se um partido popular (SINGER, 2012, p.116).

O primeiro espírito, o de “Sion” refere-se à primeira alma do PT, cuja ideologia era norteada pelo combate ao capital, pela tarifação das grades fortunas, combate aos grandes latifúndios. A alma ligada às origens do PT propõe uma ruptura radical com o *status quo*, com o modelo existente, “sob o signo da ‘nova sociabilidade’ forjada na opo-

sição à ditadura [...] falava em criar um partido ‘sem patrões’, que não fosse eleitoreiro [...]” (SINGER, 2012, p.88).

O segundo espírito, o do “Anhemi”, surge com a “Carta ao povo brasileiro” em junho de 2002, como sugere André Singer, ocasião em que Lula e sua equipe de governo comprometem-se com ultimatos do capital. No entanto, o *lulismo* não se converteu ao capital. O *lulismo* conviveu com as contradições das duas almas, promovendo políticas de inclusão social e cidadã, ao passo que adotou políticas benéficas ao capital, atendendo assim as duas partes da nova polarização ricos/pobres.

O aspecto que conferiu permanência para a manutenção de Lula na presidência da República em 2006 [e a posterior eleição de Dilma Rousseff em 2010], foi o realinhamento eleitoral ocorrido devido à mudança na agenda política ao longo de seu primeiro mandato. A modificação na agenda teve por foco a redução e eliminação da pobreza (monetária) absoluta, “aquela que impede a pessoa de sequer se alimentar” (SINGER, 2012, p.133). São a efetivação e o êxito desta pauta o alicerce do realinhamento eleitoral, pois a adoção de políticas voltadas à ascensão econômica e social dos mais carentes contribuiu para a saída da classe média de sua base de apoio. A classe média deixa de apoiar Lula devido a episódios como o mensalão e a própria perda de privilégios.

A questão pobreza é bastante discutida no início do capítulo 3 em que são mostrados diversos pontos de vista, tais como os de José Eli da Veiga e Amartya Sen, em que se entende a fluidez de mensuração do aspecto pobreza. Entretanto, a pobreza absoluta, segundo diretrizes traçadas pelo governo através de seus programas, será erradicada mais brevemente. Como se pode perceber, existem outros tipos de pobreza que não a absoluta, por exemplo: “Veiga argumenta que a ausência de saneamento básico seria um potente indicador de pobreza [...], mesmo que possua renda acima do limiar estabelecido” (SINGER, 2012, p.129). No entanto, se a linha política proposta continuar a ser seguida, outras concepções de pobreza serão erradicadas, tais como a absoluta, segundo dados do Ipea e da FGV, presentes na obra.

A linha política do reformismo fraco, ligada a uma política sem conflito, permitiu que a população brasileira locada em uma situação de sobrepopulação se inserisse no mercado de trabalho. Portanto, ao entrar no mercado de trabalho, esse subproletariado ascende economicamente e passa à condição proletária, e essa mudança implica sua organização enquanto classe. Dentro da perspectiva teórica utilizada pelo livro de Singer, essa população sai da sua condição de classe *em si* e passa a condição de classe *para si* – alteração em sua categoria quer

dizer muito. Estas pessoas que antes não tinham motivação alguma para organizar-se enquanto grupo ou classe, agora irão engrossar o caldo na luta capital/trabalho.

De maneira muito perspicaz o foco da pobreza é mudado para o da desigualdade na obra de Singer, duas pautas combatidas pelo *lulismo*. A eliminação da desigualdade, diferentemente da pobreza que tem sua erradicação datada para 2016, ocorre em ritmo demasiadamente lento. No entanto, a afirmação do caráter pouco célere atribuído à extinção da desigualdade vai depender muito dos parâmetros de comparação utilizados no momento de sua análise.

Assim sendo, para Singer, a desigualdade está caindo de maneira lenta se comparada à pobreza, devido à política de evitar conflitos entre os polos, entre as classes. Porém, essa política confere a estabilidade necessária ao governo, fazendo-o manter, portanto, sua base de apoio. A pobreza responsável pelo chamado subproletariado vem sendo reduzida de maneira célere, resultando em um país em que as pessoas terão condições mínimas de sobrevivência. Esta mescla política utilizada pelo *lulismo*, com algumas linhas de conduta neoliberais e outras mais progressistas, provocou e provoca no imaginário acadêmico, jornalístico e político uma profusão de conclusões a respeito do caráter ideológico adotado pelo governo.

André Singer atribui a profusão de conclusões sobre o caráter ideológico à conferência de pesos distintos dados a fatores integrantes do *lulismo* ao longo do tempo, conforme solicitado pela conjuntura. Adequação conjuntural essa que pode ser percebida em três fases apontadas pelo autor. A primeira (2003-2005) foi marcada por um pacote de medidas neoliberais com o intuito de mostrar ao capital a veracidade do compromisso assumido em junho de 2002 sem, no entanto, deixar de tomar medidas no sentido a respaldar os mais pobres, provando desta forma a dualidade de almas e sentidos existentes no *lulismo*. A próxima fase é demarcada pelo autor com a entrada de Guido Mantega no Ministério da Fazenda em março de 2006, sendo sua entrada pautada pelo desenvolvimentismo. Por fim, a terceira fase, que corresponde aos anos de 2008-2010, é marcada pelo fomento do mercado interno.

O quarto capítulo retoma as ideias do realinhamento eleitoral e da força do reformismo adotado pelo *lulismo*. Ao retomar sua hipótese inicial, qual seja, a de que houve um realinhamento eleitoral no pleito de 2006, Singer cita a eleição de Dilma Rousseff, enfatizando, portanto, o realinhamento ocorrido devido às políticas híbridas adotadas pelo governo,

que mantiveram tanto a estabilidade quanto promoveram a ascensão do subproletariado a uma condição de vida cidadã.

Dilma Rousseff conservou o mesmo perfil de eleitores de Lula quando este ganhou o pleito de 2006. A análise desse perfil mostra como paradigmático o caso do Nordeste brasileiro, que foi um dos maiores beneficiados pelos programas de inclusão social e que na eleição de Dilma agiu como o verdadeiro fiel da balança em favor da candidata.

Dessa forma, as mudanças proporcionadas pelo governo Lula são caracterizadas como um reformismo fraco, bem como o *lulismo*, mas Singer questiona essa assertiva. Para iniciar o debate sobre o tema do reformismo, o autor faz uso de alguns argumentos que tentam explicar o *lulismo* a partir de fora. Apesar da situação internacional ser favorável às diretrizes adotadas por Lula e ter contribuído para o êxito de suas implementações, é necessário o reconhecimento das medidas ousadas tomadas pelo então presidente, tais como a política de transferência de renda e a conferência de crédito à população desfavorecida. “Foi a *fortuna* da conjuntura internacional associada à *virtù* de apostar na redução da pobreza com ativação do mercado interno que produziu o suporte material do lulismo” (SINGER, 2012, p.179). Logo, apesar das circunstâncias, houve uma opção interna pelos mais pobres e pela redução das desigualdades.

Além desses argumentos há os que tentam distanciar o *lulismo* de seu viés igualitário atacando justamente a redução da desigualdade, por ser ela o fator que confere status não-neoliberal ao *lulismo*. As ponderações que propõem esse distanciamento são três:

a primeira contesta os próprios instrumentos de mensuração (da desigualdade). A segunda atribui a meras políticas compensatórias, de natureza neoliberal, o avanço porventura obtido. A terceira reconhece algum progresso, mas reputa-o lento, a ponto de não significar mudança estrutural (SINGER, 2012, p.181).

O autor acaba por desconstruir todas essas objeções ao traço igualitário do *lulismo*. Entre os três argumentos o terceiro mostra-se mais relevante, devido ao destaque que lhe é dado na análise de Singer. Assim sendo o terceiro argumento versa sobre o reformismo, que é desconstruído após a análise de índices ligado à queda da desigualdade. O autor discorre que ao comparar a velocidade de queda da desigualdade ao ritmo dos países centrais, a queda não foi baixa, portanto, o

reformismo não deve ser considerado fraco ou lento. Todavia, um presidente de orientação socialista ao assumir o poder da nação, promoveu a expectativa de um reformismo forte aos moldes da alma de “Sion”, o que não ocorreu. Efetivou-se um reformismo fraco, visando o não conflito com a eliminação célere da pobreza e a redução gradual da desigualdade, conclui Singer.

Na obra de Singer é possível entender a conjuntura política nacional desde o final da década de 80. Munido de toda a objetividade possível através de tabelas e quadros, resgatando autores centrais para a discussão tanto econômica quanto social, ele confere um ar científico ao trabalho desenvolvido. Desta forma, com certa segurança, põe fim a algumas aflições que são palco para debates desde a chegada de Lula ao poder no início do século XXI. Seu trabalho permite o entendimento de que os programas sociais desenvolvidos por Lula não são assistencialistas. Sustenta que o termo assistencialista confere status neoliberal às medidas tomadas pelo governo, e elas são antes programas de inclusão social e cidadã que reduzem a pobreza (monetária) absoluta e a desigualdade, provocando mudanças estruturais.

O exposto faz com que algumas questões possam ser repensadas de forma mais fundamentada, tais como o esvaziamento do poder de militância petista. A observância aos fatos, mais especificamente no que diz respeito ao realinhamento eleitoral a partir de 2006, mostra que houve mudanças no perfil do eleitor. O eleitor que passou a votar em Lula, e posteriormente em Dilma, passou a ser aquele público de baixíssima renda e em sua maioria habitante do Nordeste brasileiro. Esse perfil tem por uma de suas características constitutivas o conservadorismo, que na obra de Singer tem o nome de “conservadorismo popular”. O “conservadorismo popular” aprova a mudança, no entanto prima pela estabilidade, originalmente esse eleitor conservador era “de direita”, por legar à direita esta estabilidade. Ao conquistar o voto e a confiança desse eleitorado Lula não a desperdiçou, dando origem ao que vimos no livro como sendo a alma do “Anhembí”.

O espírito do “Anhembí” representa a mudança sem conflito adotada pelo *lulismo*, aprovada por sua nova base de eleitores. Essa nova base de eleitores, para usar Karl Marx, é uma classe *em si*, desta forma necessita de um líder que faça valer os seus interesses devido à sua incapacidade organizativa. Concomitantemente à conquista desta base de eleitores, a sobrepopulação, que se deu pelo tipo de agenda adotada, ocorre a saída do eleitor ideológico, a alma do “Sion”, da base eleitoral.